



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Juliana Cristina de Oliveira Souza

Brasília experiência humanística: um relato de como viver a cidade.

Brasília (DF), Junho de 2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Juliana Cristina de Oliveira Souza

BRASÍLIA EXPERIÊNCIA HUMANÍSTICA:
UM RELATO DE COMO VIVER A CIDADE.

Memória de produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade.

Orientação: Profa. Dra. Lavina Madeira

Brasília (DF), 2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Profa. Dra. Lavina Madeira
(Orientadora)
Faculdade de Comunicação – UnB

Profa. Ma. Suzana Guedes
Faculdade de Comunicação – UnB

Prof. Dr. Membro Wagner Rizzo
Faculdade de Comunicação - UnB

Prof. Me. Luciano Mendes
(Suplente)
Faculdade de Comunicação - UnB

Brasília (DF), 18 de Junho de 2014

Ao universo que conspira, me inspira e transpira de possibilidades.

Agradecimentos

I get by with a little help from my friends, esse trecho imortalizado pelos Beatles na década de 60, quando eu nem mesmo imaginava nascer, se tornou um símbolo de alterações do curso da minha vida.

Começou com a saída da escola – para mim, ambiente competitivo e limitador - e a entrada na Universidade – quando se descobre que o mundo não tem limites, que o céu é o limite, e em se tratando de Brasília onde o céu parece infinito esse termo fica ainda mais amplo.

Depois apareceu no meio do curso, momento em que eu superei a tradicional ânsia pela criação publicitária, para perceber o que de fato me motivava, foi quando descobri outras possibilidades dentro da Comunicação.

Reapareceu em tantos outros momentos de quebras de paradigmas que me foram colocados pelo caminho: Projetos de Extensão, Empresas Juniores, ONGs, Estágios, Primeiro Emprego.

Por fim, como não poderia deixar de ser, se faz presente nessa última etapa, a conclusão de um ciclo de extrema importância e, conseqüentemente, o início de um próximo. Findo essa minha passagem com vários questionamentos e incertezas de minhas paixões, mas ainda assim tenho certo que eu só consegui caminhar até aqui com a ajuda dos meus amigos.

Mami, Papi, Lavina, Wagner, Suzana, Luciano, Renata, Flávia, Thaís, Rayssa, Juliana, Bianca, Laís (*in memoriam*), Jéssica, Mirella, Rafael, Marina, Érica, Lucas, Carol, Fernanda, Natan, Cudy, Cintia, Luiz Otávio, Felipe, Sophia, Luiza, Mariana, Thandy, Daniel, Arthur, Letícia, Vanessa, Rogério, Edson, Renan, Rosinha, Dario, Henrique, Beatriz, Liu, Davi, Babi, Pedro, Gabriel, Millera, Augusto, Doisnovemeia, Politeia, Dione, Stèphanie, Livia, Alexandre, Seis músicas, Chozo, Insight, Imagina na Copa.

Vocês despertaram o melhor em mim.

Gratidão.

senhores turistas,
eu gostaria
de frisar
mais uma vez
que nestes blocos
de apartamentos
moram inclusive
pessoas normais
- Nicolas Behr

bem, o sr.
já nos mostrou
os blocos, as quadras,
os palácios, os eixos,
os monumentos...
será que dava pro sr.
nos mostrar a cidade
propriamente dita?
- Nicolas Behr

Resumo

Este trabalho fundamenta o processo de ideação, concepção e realização dos produtos que compõe a série **Brasília experiência humanística: um relato de como viver a cidade**. Os quais se prestam a apresentar alternativas de usos dos espaços da capital a partir de uma ótica centrada nas pessoas. Nem só de monumentos vive Brasília. E é essa outra face que é exaltada com o livro de bolso e o aplicativo para dispositivos móveis. A intenção é despertar as pessoas que aqui vivem para enxergarem o enorme campo de possibilidades que existe nos imensos gramados verdes, e assim, começarem a estabelecer uma nova relação com a cidade.

Palavras-chave: Brasília; Cidades para pessoas; Experiências humanas; Espaço público

Abstract

This work support the process of ideation, design and creation of products that make up the series Brasilia humanistic experience: an account of how to live the city. Which lend themselves to present alternative uses of city spaces from a people-centered perspective. Not just monuments lives Brasilia. And this is the other side we want to exalt with the pocket book and the application for mobile devices. The intention is to awaken the people who live here to see the huge range of possibilities that exist in the vast green lawns, and thus begin to establish a new relationship with the city.

Keywords: Brasilia; Cities for people; Public spaces; Human experience

Lista de imagens

Figura 1: Cúpula do Congresso iluminada.

Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

Figura 2: Grupo de jovens no deck.

Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

Figura 3: Pergolado em meio a árvores.

Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

Figura 4: O parquinho ocupado.

Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

Figura 5: Livro de bolso.

Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

Figura 6: Domingo na ponte.

Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

Figuras 7 e 8: Caixa com os produtos entregue à banca avaliadora.

Brasília, 2014. Foto de Jucrizo.

Sumário

1. Introdução	11
2. Problema de pesquisa	12
3. Objetivos	14
4. Referencial teórico	15
4.1 Homem e Cidade	15
4.2 Espírito de Brasília	16
4.3 Cidades para pessoas	20
5. Metodologia	22
6. Brasília experiência humanística	23
6.1 A experiência humana	23
6.2 Livro de bolso	24
6.3. Aplicativo móvel	26
7. Considerações finais	26
8. Referências	27
9.1 Bibliográficas	27
9.2 Filmográficas	28
9.3 Online	29
9. Anexos	31
9.1 Lista de informações dos lugares visitados	31
9.2 Quadro: princípios de um espaço para pessoas	34
9.3 Kit entregue aos professores	35
9.4 Questionário	
9.5 Projeto do Aplicativo Móvel	

1. Introdução

Brasília é um mito. Um elemento que causa estranheza e curiosidade, repulsa e fascínio. Desde sua criação a cidade planejada está imersa em um mundaréu de histórias e especulações.

Toda uma cidade nascida diretamente de uma prancheta e implantada no vazio do cerrado. Com uma nova organização do espaço, procurava-se e esperava-se uma nova sociabilidade urbana. (MACHADO e MAGALHÃES, in: PAVIANI, 2010, p. 287)

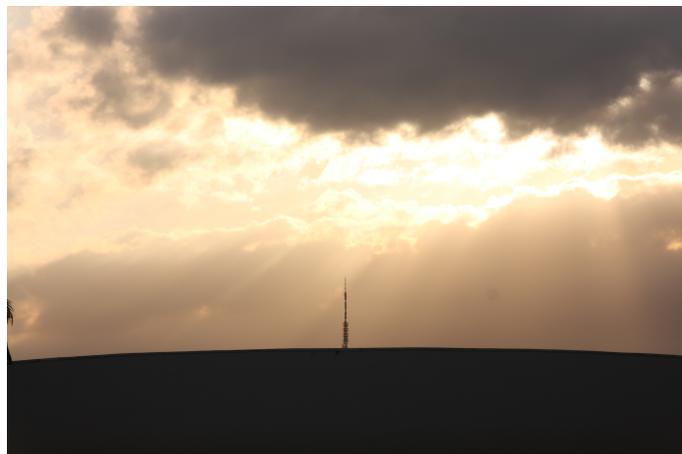


Figura 1: Cúpula do congresso iluminada. Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

Foi idealizada para ser um símbolo nacional, capaz de representar os rumos à modernidade e ser um centro administrativo, propiciando o desenvolvimento estratégico do país. E é por isso, que Brasília sempre esteve ligada a uma série de expectativas e premissas vindas de todas as ordens.

No entanto, como expresso em um dos contos de Ítalo Calvino: é sabido que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve, ainda que exista uma ligação entre eles. (CALVINO, 2008)

Neste estudo, se considerou pelo menos três óticas que se relacionam com a história da cidade: aqueles que planejaram a capital de sua existência à configuração espacial; os que migraram para cá carregados de passado; e quem aqui nasceu e floresceu. Em suma, tratam-se de vértices distintos de uma mesma figura, o avião.

Ademais há tantos anos de conceituações, Brasília não deve ser vista apenas como cidade planejada, ou como patrimônio da humanidade, mas como uma cidade do mundo atual, com suas contradições, interpretações e reações dos agentes locais. (GRIFO MEU, FERREIRA, 2011, p. 51)

Embora Brasília tivesse sido concebida com vistas à criação dessa sociedade modernizada, foi uma sociedade inteiramente diferente a que a construiu e ocupou.

(HOLSTON, 1993, p. 105) Dessa forma, tem-se que a Brasília utópica foi destruída pela Brasília real, construída e ocupada por cidadãos reais vindos de uma sociedade existente.

A Brasília real é parque - o verde é uma referência humana constante como padrão de qualidade em várias culturas. É céu - a sua luminosidade marcante é outro limite importante na paisagem, para os que vivenciam a cidade. (GOUVÊA, apud PAVIANI, BARRETO, FERREIRA, CIDADE E JATOBÁ, 2011, p. 458). E também é lago – que extrapolou a função de mantenedor do clima para se tornar um polo de lazer.

Assim, partindo dessas três principais dimensões que deram vida ao plano piloto se fez a divisão do livro de bolso e a construção do aplicativo móvel, os quais tem por finalidade a proposição de uma conseqüente mudança de olhar aos moradores de Brasília.

“Brasília” neste caso para fins de delimitação do estudo, se trata da região nomeada “Plano Piloto”, que compreende as áreas determinadas no plano original acrescidas das regiões: Lagos Norte e Sul, Jardim Botânico, Cruzeiro, Sudoeste, Octogonal. Além do que está compreendido nesse território, surgiram uma dezena de outras cidades, as satélites que estabeleceram outras formas de relação com o meio urbano e por isso merecem ser estudadas especificamente.

Todo o trabalho foi concebido a partir da ótica de alguém que se apropriou da cidade e a vê como um campo de possibilidades. Alguém que acredita que estar em Brasília é muito mais que ter uma experiência urbanística, é sim poder viver uma experiência humanística.

2. Problema de pesquisa

Nasci em Brasília e por muito tempo isso foi motivo de orgulho para mim, na época – infância- em que vivi numa pequena e rústica cidade no interior do Pará. Voltei – adolescente- e comecei a ouvir os célebres clichês: “Brasília não tem nada pra fazer” ou “Brasília é uma cidade fria e vazia”. Por um período da minha vida isso fez muito sentido.

Nesse tempo, sair de Brasília e ir morar em meio as ruas pulsantes e cheias de multidão paulistanas era o meu maior sonho. Mesmo porque o plano urbanístico

da capital torna difícil a formação de aglomerações humanas a exemplo de outras metrópoles (TEIXEIRA, 2011). Quando regressava de viagens ficava intrigada como o quanto as outras cidades me inspiravam com a sua agitação e aqui na tranquilidade eu não conseguia sentir isso.

De repente, logo que entrei na universidade – a almejada juventude - Brasília começou a ter mais cor e brilho, e fui sendo surpreendida a cada momento pelas peculiaridades locais. De caras emburradas de tédio passei a observar mais sorrisos entusiasmados, então me identifiquei. E quando alguém ainda dizia que “Brasília não tem esquinas e por isso, nem gente” eu ficava em polvorosa. De fato, vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar o espaço urbano. (AUGÉ, 1994)

Então, decidi por transformar essa energia amorfa em ações manifestas que culminaram neste projeto: **Brasília experiência humanística: um relato de como viver a cidade**. Fruto de uma inquietação minha com a cidade planejada e seus habitantes. Uma relação tortuosa de paixão & ódio que acabou em um amor aqui declarado.

A preocupação com a qualidade de vida é uma das grandes conquistas do nosso tempo, mas precisa ser constantemente relativizada e colocada em seu contexto social e histórico adequados, do contrário pode virar uma arma contra seus próprios propositores. (VELHO, 1978). Por isso, mais que propor novos usos aos espaços da cidade, a questão levantada é sobre se esses mesmos espaços admitem uma experiência própria para as pessoas. A partir de princípios discutidos por urbanistas, antropólogos e estudiosos aplicados, neste caso, na relação Homem e Brasília.



Figura 2: Grupo de jovens no deck.
Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

É importante saber que os espaços tratados aqui foram considerados como “lugares praticados”, tomando o exemplo de Michel de Certeau: “são os passantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como

lugar”. (AUGÉ, 1994). Ou seja, os lugares analisados, transformaram-se em espaços passíveis de se viver uma experiência mais humana, justamente por proporcionarem condições de serem experimentados. Segundo Tuan (1983, p.6) o espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental, por permanecer aberto, sugere futuro e convida à ação.

Com a realização deste trabalho quero bradar a quem puder ‘ouvir’: Dispa-se de suas limitações arraigadas e se permita sentir a cidade de uma forma mais humana, com o risco de apaixonar-se por suas curvas e cores. A Brasília real precisa ser amada, a cidade necessita edificar a sua topofilia¹. (TEIXEIRA, 2011)

¹ Topofilia: elo afetivo a um lugar.

3. Objetivos

O que motivou os primeiros passos do trabalho foi a vontade de mostrar para aqueles que veem uma Brasília cinza, fria e tediosa que ela pode ser diferente, basta estar disposto a experimentá-la sob outras perspectivas.

Em suma, quero compreender o que as pessoas sentem sobre os espaços e lugares da capital, considerando as diferentes maneiras de experiências (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar estes mesmos locais como imagens de sentimentos complexos. (TUAN, 1983)

Além disso, vejo-o também como um instrumento de fomento à ocupação do meio urbano, motivado a partir do despertar do olhar e o conseqüente aumento na frequência de uso dos espaços urbanos. Partindo da premissa de que a melhor forma de se preservar uma área é dar uso social a ela. (GOUVÊA, apud PAVIANI, BARRETO, FERREIRA, CIDADE E JATOBÁ, 2011, p. 471).

Como se trata de uma mudança pretendida no cotidiano dos moradores veio a necessidade de fazê-lo por meio de dois suportes, a saber: um livro de bolso que carrega em si as experiências de quem esteve nos lugares relatados, de forma a sensibilizar e instigar o leitor. E um aplicativo móvel, que se presta como uma ferramenta de uso contínuo, com sugestões inesperadas para ampliar as possibilidades diárias dos usuários.

A ideia é que o conteúdo produzido seja um contraponto real ao discurso “sou de Brasília, mas juro que sou inocente” (BEHR) representativo de atitudes que

cerceiam o *ethos*₂ da capital. E dê lugar a uma leitura de quem vive a cidade e não apenas a habita. Afinal, os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar. (TUAN, 1983).

2 Ethos: espírito de um lugar.

4. Referencial teórico

Esse trabalho é uma consequência de uma leitura minha acerca da cidade e da relação que as pessoas estabelecem com a mesma. Assunto amplamente estudado desde que começaram a surgir os primeiros aglomerados urbanos na história. Jane Jacobs em “Morte e Vida de Grandes Cidades” estabelece questões importantes sobre a vida nas metrópoles em formação em meados de 1980.

No entanto, esse trabalho não é sobre uma cidade qualquer, mas sim sobre Brasília, que comprovadamente se mostra uma cidade peculiar, implicando um modo de vida singular em relação às outras. Nesse caso, vi a necessidade de entender melhor Brasília em si e em suas particularidades formando o que seria o *ethos* brasiliense. James Holston retrata com primor essa questão em seu estudo intitulado “A cidade Modernista”.

Por fim, a proposta vai além de apenas observar como as pessoas que aqui vivem encaram a capital, mas sim propor que ela seja encarada sob uma nova perspectiva. A partir de uma perspectiva difundida por Jan Gehl em “Cidades para Pessoas”. Os seus princípios são mais que uma série de “regras”, buscam propor melhorias para o desenvolvimento das cidades tendo como objeto central as pessoas.

4.1 Homem e Cidade

Desde o surgimento das primeiras cidades se começou a estudar sobre a relação que se estabeleceu entre os habitantes e os espaços urbanos. Isso porque se tratou de uma mudança que gerou uma nova concepção de vida, influenciando as formas de pensar e os comportamentos de toda uma sociedade.

Muitos foram os que se aventuraram por essas questões, Jane Jacobs foi notória em sua obra “Morte e Vida das Grandes Cidades”. Visto que analisava como

as determinações urbanas influenciavam as percepções dos moradores em um contexto da década de 80.

Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana. (PARK, 1916, apud VELHO, 1973, p. 30)

Ao passar do tempo, todo setor e quadra da cidade adquirem algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Inevitavelmente, se tomarmos cada parte da cidade separadamente ela apresentará os sentimentos peculiares àquela população. Em consequência disso, o que antes era apenas uma expressão geográfica se transforma ao que entendemos como vizinhança, ou seja, uma localidade com sentimentos, tradições e histórias próprias. (PARK, 1916, apud VELHO, 1973, p. 30).

4.2 O Espírito de Brasília

Para muitos, a nova capital era vista como a consagração ou, no mínimo, o ponto de partida indispensável de um suposto projeto nacional, a despertar toda sorte de ufanismos e ilusões: Brasília, capital do futuro; Brasília, capital da esperança; Brasília, afirmação da cultura nacional. (BICCA, apud PAVIANI, 2010, p. 151).

Para se pensar Brasília pode-se partir de diversas óticas. Da “Brasília capital da esperança” à “Brasília ilha da fantasia”. Neste estudo, escolhi três perspectivas possíveis: a dos projetistas, dos migrantes e dos brasilienses.

A começar por quem pensou a cidade, isto é, os responsáveis pela sua idealização e construção. Antes mesmo de ter seu desenho espacial concebido por Lúcio Costa, a cidade já carregava alguns requisitos previamente estabelecidos. De antemão, se solicitou uma cidade que fosse planejada para ser uma capital, ou seja, capaz de ser o símbolo do Brasil de 1950, que representasse desenvolvimento, modernidade e esperança; e não apenas o projeto de mais uma cidade no país. Assim sendo, ela deveria carregar uma distinção em si mesma.

Após o concurso, tendo essas premissas como base, Brasília foi erguida a partir do plano piloto de Costa. O qual delineou os princípios que deram forma aos

desejos de Juscelino Kubitscheck. O júri quando viu o plano piloto expressou que aquilo tinha o espírito do século XX: novo, livre, aberto e disciplinado sem que fosse rígido.

Lançando mão de diversos princípios comuns aos grupos modernistas. Lúcio Costa propôs uma cidade com grandes áreas públicas e verdes, com setorização de atividades, sistema simplificado de deslocamento, horizontalizada e com uma valorização dos meios naturais.

Assim, originou-se a Brasília uma cidade-parque e suas superquadras, dispostas em uma projeção em formato de cruz. Acrescida de monumentos icônicos de formas simples.

Bem verdade que Brasília não é a face real do que foi concebido no seu plano original, diversas foram as alterações feitas na implantação da cidade.

Entretanto, alguns princípios defendidos por Costa ainda conseguem ser percebidos na Brasília de hoje.

Cidade-parque: formada por parques, gramados, árvores e jardins, os quais emprestam um colorido ímpar aos segmentos que integram os amplos espaços: desestressantes e tranquilizadores. (GRIFO MEU. TEIXEIRA, 2011, p. 54). As áreas residenciais são delimitadas por cinturões verdes, bem como a existência de parques que tem a função de preservação do verde em meio ao urbano e a democratização da natureza.

Cidade-céu: desde o seu desenho urbano, a cidade foi pensada para que tivesse o seu horizonte preservado. Por isso, os prédios residenciais têm a altura de seis pavimentos como regra. Além de que a disposição de alguns monumentos foi pensada de modo a suscitar o olhar das pessoas para o céu.

Cidade-lago: com o princípio de democratização do uso da orla do lago, item construído na cidade previamente determinado.

Em um segundo momento, quando o Plano Piloto já era uma realidade, temos a ótica das pessoas que passaram a viver aqui. Capital da esperança e do poder,



Figura 3: Pergolado em meio a árvores.
Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

alguns vieram com a família em busca de uma vida melhor e outros vieram obrigados com a intenção de logo voltar para a terra natal. Por isso, nunca se teve a preocupação de se formar relações aqui, as pessoas se preocupavam em garantir suas raízes passadas, “subir de vida” e talvez voltar. Não se queria pertencer, mas sim, permanecer.

Afinal trata-se de uma cidade habitada, desde o seu começo, por arrivistas de todos os tipos, inclusive pelos mais humildes que não possuíam outra intenção do que a consecução de uma vida melhor, e cujos interesses sempre passaram longe da preocupação em formatar um processo de educação sentimental ou de sedimentação de uma estrutura de sentimento[...] (TEIXEIRA, 2011, p. 148).

De uma forma ou de outra, essas foram as primeiras pessoas que tiveram contato com a cidade, as cobaias do modo de vida imposto pelo Plano Piloto. Foram quem aprendeu e decidiu os primeiros usos dessas terras e por isso mesmo os primeiros a sofrer do que chamaram brasilite – “doença” desencadeada pelo choque do novo. Todos que para cá migraram tiveram que aprender a viver aqui, mas como não se havia concebido um manual, foi no processo de tentativas, erros e acertos que se firmaram localmente.

Os primeiros moradores das superquadras acostumados ao movimento da rua comum às cidades do país, se opuseram ao fato da entrada do comércio ser feita pelo jardim, proposta pelo plano, e transformaram a parte dos fundos na frente das lojas. Uma rejeição clara ao princípio de “anti-rua” levantado por Lúcio Costa, causada porque este contradizia a prática social da época no restante do Brasil. (GRIFO MEU. HOLSTON, 1993, p. 144)

Alguns enxergaram essas diferenças como uma espécie de laboratório de experimentação, outros tantos, optaram por continuar a levar a vida que tinham antes, nas cidades tradicionais. O que fez de Brasília um enorme campo de batalhas diárias, gerando insatisfação e frustração em seus habitantes. Levando a cabo o pensamento da cidade como um “lugar cinza, frio, quadrado e sem gente”.

Construtivismo que a solidão, a que estaríamos condenados por residir na capital da República, poderia proporcionar aos seus moradores, desenraizados, por não terem ainda o sentimento de pertencimento ou, por razões diversas, estarem ligados a outras margens. (TEIXEIRA, 2011, p. 25).

Acerca da inversão de frentes imposta aos comércios locais, Holston conclui que na falta de uma calçada contínua, margeada pelas fachadas de prédios, não

apenas a ideia de dar uma volta pela rua é irrealizável, mas também o *flanêur* urbano tornou-se uma figura em via de extinção. (HOLSTON, 1993, p.147)

A figura do *flanêur* trazida por Walter Benjamin caracteriza uma pessoa que vaga pela cidade sem destino apenas observando o que se passa a sua volta, o que consiste na prática da *flanerie*. Em se tratando de Brasília, devido ao seu planejamento urbano que segmenta as atividades, divide o comércio em blocos e impede a aglomeração de pessoas, essa atividade se mostra limitada.

Com o passar dos anos Brasília foi se mostrando cada vez mais cidade que monumento e moldando um homem que nasceu e cresceu em meio às tesourinhas, que brincava no foguete do Parque da cidade e escorregava nos gramados do Congresso. Alguém que aprendeu o alfabeto com as placas que via nas superquadras, que comeu manga do pé no meio do Eixão e assim, fincou raízes nas terras vermelhas daqui. O homem de Brasília, que de raridade passou a representar mais da metade da população local em 2012. Uma jovem legião que se apropriou dos gramados e fez-se brasiliense.

Muitos insistem na ausência, em Brasília, dos “lugares normais de encontro” – fazendo alusão às esquinas perto de casa, que são os pontos de convivência social – lugares mais importantes de encontro e de atividade pública na vizinhança. (HOLSTON, 1993, p. 113)

No entanto, encontro deve se traduzir em qualquer momento de convivência com a cidade, seja no trabalho, no transporte, e também no lazer. (LERNER, 2013. apud GEHL, 2013, p. XII). Dessa forma, essa problemática é suprida por outros espaços que aqui promovem inúmeros encontros, satisfazendo essa necessidade dos moradores. E que curiosamente confere ao cotidiano local uma área de cidade interiorana, onde os círculos pessoais se cruzam regularmente. Assim, alguém aqui que nunca conheceu uma pessoa que é prima de um amigo sem que este os tenha apresentado, que atire a primeira pedra.

Ainda assim, muitos que vêm aqui nutridos por expectativas urbanísticas sobre a cidade planejada sentem que foi inútil a viagem: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, definiu, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo. (GRIFO MEU apud CALVINO, p. 20). Dessa forma, Holston apela aos cidadãos de Brasília para que façam reviver a cidade como um espaço nacional especial de experimentação, dedicado à solução de importantes problemas da vida urbana contemporânea. (HOLSTON, 1993, p. II)

Atualmente, já se vê uma nova geração de brasilienses que está redescobrendo a cidade e o seu espírito. O espírito de Brasília: sua invocação para romper com o passado, para ousar imaginar um futuro diferente, para abraçar o moderno como um campo para experimento e risco. (HOLSTON, 1993, p. I)

Ativo e pró ativo em relação a cidade, esses brasilienses hoje são aqueles que se orgulham das cicatrizes obtidas com a turma da '8 Sul' e do espetáculo diário que o céu apresenta nos finais de tarde. Quem se orgulha por parar na faixa para os pedestres e por assustar quando alguém usa a buzina no trânsito. Enfim, são as pessoas que estão levando Brasília a reencontrar seu destino como a capital da inovação. (HOLSTON, 1993, p. II)

No fundo, ninguém é da cidade, mas tampouco ninguém é estrangeiro a cidade. Ela acolhe cada indivíduo, cada família, e os insere numa lógica onde subsiste um elevado potencial de mudança tanto econômica, mas sobretudo cultural. Neste lugar, o passado, a origem, é, para muitos, um lugar idealizado, mas para o qual não se pensa voltar, sobretudo porque idealmente a possibilidade de ascensão é sempre um dado plausível na cidade. (NUNES, 2004, p. 91)

4.3 Cidades para pessoas

'Cidades para pessoas' ou 'cidades mais humanas', trata-se de uma nova forma de se pensar o meio urbano sob uma perspectiva partindo das pessoas, tendo os seus habitantes como foco principal.

São cidades que oferecem maior qualidade de vida e bem estar social a partir de seu território, suas construções e o modo de vida que proporcionam. Essa é uma preocupação que vem ganhando espaço em discussões quando se fala em vida nas grandes metrópoles mundiais.

Segundo Gehl, para uma cidade ser considerada "para pessoas" ela deve seguir alguns pré-requisitos, que são vários e vão desde ter um clima ameno até ter espaços com mobiliários urbanos adequados. Aumentar a quantidade e qualidade de espaços públicos agradáveis, bem planejados e, na escala do homem, sustentáveis, saudáveis, seguros e cheios de vida. (GEHL, 2013, p. XI)

Somando-se a esse cenário a importância inquestionável das tecnologias no cotidiano das pessoas, outros tantos conceitos como o de "cidades inteligentes" e "cidades criativas" surgiram para justificar o que nada mais é que um movimento de

repensar os ambientes citadinos a fim de que o seus crescimentos e desenvolvimentos sejam feitos da melhor forma possível pensando sempre nos seus habitantes, ou seja, se quer melhorar o modo de vida das pessoas nas cidades.

Cidades inteligentes, segundo a ong World Foundation for Smart Communities, são cidades que desenvolvem a partir da tecnologia meios para melhorar a forma de vida dos habitantes. Vários são os exemplos de emprego dessa nova perspectiva, vão desde aplicativos que ajudam a chamar um táxi a iniciativas que atuam na questão da mobilidade com avisos de lugares que estão com engarrafamentos ou com os horários das linhas de ônibus e suas localizações.

Cidades criativas, de acordo com Charles Landry são aquelas localidades que usam do seu potencial criativo para a resolução das problemáticas urbanas. Seja por intermédio de incentivos governamentais ou mesmo por iniciativa dos próprios moradores. Nada mais é que lançar mão dos recursos criativos locais para reinventar as práticas da cidade, visando uma melhora para as pessoas.

Para o próprio Gehl e outros vários estudiosos do tema, Brasília não se trata de uma cidade para pessoas, na verdade ela está longe disso. Principalmente devido às críticas sobre as aplicações dos princípios modernistas: amplos espaços vazios, funções setorizadas e afastamento das pessoas e ruas.

Contudo, o que proponho com este trabalho é que Brasília

pode sim ser considerada uma cidade que oferece condições mais humanas para se viver, se partirmos de um olhar sobre o Plano Piloto vivido e não apenas o planejado.

Brasília vivida ao nível dos olhos – a escala mais importante para o planejamento urbano – é uma cidade verde, tranquila, com espaços de respiro para caminhar e transitar.

Nesse caso, tanto o livro de bolso quanto o aplicativo móvel ajudam a transformar o cotidiano dos moradores a partir da proposição de novas experiências



Figura 4: O parquinho ocupado.
Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

nos espaços da cidade, despertando nelas um novo olhar para diferentes usos do território. De todos os princípios e métodos disponíveis para reforçar a vida nas cidades, o mais simples e eficaz é convidar as pessoas a passar mais tempo no espaço público. (GEHL, 2013, p. 232).

No entanto, convidar requer vistas desobstruídas, curtas distâncias, baixa velocidade, permanência no mesmo nível e orientação em direção ao que deve ser visto e experienciado. (GEHL, 2013, p. 236). Assim se construiu os produtos da série **Brasília experiência humanística**, com base nos relatos dos espaços urbanos daqui que admitem esse tipo de experiência.

Conseqüentemente, gerando uma melhoria no bem estar social local, pois lugares ocupados são mais seguros, menos degradados e fomentam uma cidade viva, o qual é um conceito relativo. Pois o que importa não são números, multidões ou o tamanho da cidade, e sim a sensação de que o espaço da cidade é convidativo e popular - isso cria um espaço com significado. (GEHL, 2013, p. 63)

5. Metodologia

Para efeito de elaboração do livro de bolso e do aplicativo móvel foram consideradas as premissas do referencial teórico no que concerne aos temas da relação homem e cidade, as características específicas da cidade de Brasília do ponto de vista arquitetônico, histórico, político e sociocultural, as premissas de Jan Gehl acerca da perspectiva do que ele denomina de “cidade para pessoas” ou “cidades mais humanas”. Além disso, levou-se em conta também a categorização em três grupos dos espaços em água, céu e natureza de acordo com a proposta da experimentação em sua totalidade do espaço citadino segundo Gehl.

Este conjunto de pressupostos teóricos fundamentou a construção de um questionário, cujo objetivo era conhecer que espaços da cidade de Brasília as pessoas, na faixa etária de 20 a 35 anos, têm por hábito frequentar e usufruir de modo mais humano. Foram formuladas dez questões. Este questionário foi enviado online para algumas pessoas via e-mail, publicação em página pessoal da rede social facebook e em grupos da mesma rede. Foram recebidas 369 respostas no período de duas semanas finais de maio de 2014.

Após a análise dos dados do questionário, pude confirmar que muito do que estava na listagem elaborada previamente e baseada em impressões anteriores, fazia parte da opinião das pessoas, mas também outros novos lugares me foram apresentados. Parti para uma pesquisa exploratória em ambiente online desses lugares a fim de me munir de informações-chave. Por fim, em posse de todo esse conteúdo delimito os locais que seriam pesquisados e elaborei um cronograma de visitas para o estudo de campo.

Saí a campo em posse de um caderno, uma câmera e uma mente aberta disposta a sentir aqueles espaços em todos os seus aspectos, entendendo desde as questões mais objetivas como as regras de uso, até mesmo as sensações que me eram despertadas no momento.

Assim, no processo de visita aos lugares, busquei um olhar mais criterioso para o que de mais singular havia em cada um dos espaços. A fim de torná-los únicos por suas particularidades. Além de ter uma leitura sensível sobre a minha própria experiência e as experiências dos outros usuários naquele momento.

Após a vivência em campo, a escolha dos quatorze espaços que seriam relatados se deu com base nos critérios de um local próprio e convidativo para pessoas, descritos por Jan Gehl e que estão elencados em quadro anexo (9.2).

O lugar de fala dos relatos é de alguém que anda pela cidade sem julgamentos apenas a fim de experimentá-la.

A escrita em primeira pessoa se faz necessária por se tratar da minha visão pessoal sobre a cidade. Outras pessoas podem ter tido experiências contrárias mesmo estando nos mesmos lugares. Por isso também os textos foram construídos no presente, na tentativa de levar o leitor até o espaço e dar uma ideia de que aquela situação relatada estava acontecendo no tempo da leitura.

O projeto gráfico do livro de bolso e do aplicativo móvel foi pensado e desenvolvido com o auxílio de alguns profissionais diretores de arte e foi executado pelo colega Vinícius Chozo, de forma a se obter os melhores resultados pretendidos sob minha orientação.

Dessa forma, a partir desse trabalho quero fazer um convite para que os moradores “sentem-se” e passem um tempo na cidade. Pois atividades de permanência são a chave de uma cidade viva, mas também realmente agradável. (GEHL, 2013)

6. Brasília experiência humanística

6.1 A experiência humana

A base desse trabalho está na necessidade cada vez mais crescente nas pessoas de acumular bens imateriais. Mais que simplesmente sobreviver à rotina diária, busca-se viver cada dia de forma a aproveitar o momento em sua totalidade. Nesse ponto se trata das experiências centradas nas pessoas. Experiências que visam proporcionar um bem estar a quem está vivenciando, provocar sensações e gerar sentimentos positivos a esses atores.

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. (TUAN, 1983, p. 6).

As cidades precisam ser pensadas para enviar convites à circulação de pedestres e à vida na cidade. (GEHL, 2013, p. 29). Para transmitir isso lançou-se mão de duas plataformas, uma física e uma virtual.

O livro de bolso representa o contato e parte da capacidade de elucubração das pessoas. Narra no presente as experiências vivenciadas por mim naqueles lugares e incita a curiosidade de quem lê. A experiência é constituída de sentimento e pensamento [...] ambos são maneiras de conhecer. (TUAN, 1983, p. 6). A ideia não é transmitir exatamente o que se irá sentir, isso seria impossível, o que quero através do livro é transmitir a atmosfera do que se pode perceber estando naquele espaço. Visto que as experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas.

E em uma segunda via está o aplicativo, este tem por objetivo interferir no modo de vida das pessoas e apresentar alternativas de desvio das rotas traçadas diariamente. Nesse, mais que o relato a ideia é instigar pela surpresa. Além de acabar virando um ponto de consulta para programações na cidade.

6.2 Livro de bolso₃

Com o livro de bolso a intenção é ser um suporte que carregue um relato mais minucioso dos lugares visitados. Com uma linguagem simples e um ponto de vista pessoal como quem conta uma história à um amigo, a ideia é inquietar o leitor para que ele se imagine naquele ambiente e no momento de sua ida, consiga viver aquele espaço a partir de uma nova perspectiva. Longe de serem dicas do que a pessoa deve ou não fazer, mas sim uma sugestão do que é possível ser vivido naquele ambiente. São possibilidades, que só poderão ser percebidas a partir de uma presença sensível e envolvida.



Figura 5: Livro de bolso.
Brasília, 2014. Foto de Jurcizo

Como a ideia é incentivar a experiência em sua totalidade, o próprio livro possui ferramentas que intensificam isso. Uma parceria feita com um projeto que elabora listas de músicas destinadas para situações específicas da vida, o “6 músicas” elaborou três listas que completam a partir de outro sentido, a audição, a experiência que se está lendo no livro. Assim, na abertura de cada um dos capítulos há um código QR que redireciona o leitor para uma lista de músicas temáticas que transmitem a aura daquele capítulo.

Com relação à elaboração do projeto gráfico do livro de bolso, teve-se a intenção de ratificar o seu uso como um guia prático capaz de acompanhar o leitor em diversos momentos. Assim, pelo o seu formato pequeno (tamanho A6) e pela forma como o conteúdo foi organizado, faz dele um material para consultas rápidas além da leitura mais dedicada. Vários elementos foram pensados para facilitar a localização do leitor. São eles: capítulos com ícones e cores próprios, mapa da região com os lugares do livro em destaque e marcador de página.

Uma boa cidade oferece oportunidades ao nível dos olhos para caminhar, permanecer, encontrar e se expressar, e isso implica que ela deve ter uma boa escala e um bom clima. Além de que as vistas de atrações próximas ou distantes também enriquecem o espaço urbano. Poder olhar um lago, o mar, a paisagem, ou

montanhas distantes é uma característica considerada para a qualidade do espaço. (GEHL, 2013, p. 178)

Os espaços que foram relatados compõem três grupos que deram origem aos capítulos. A divisão se deu a partir de dimensões que carregam em si uma forte carga simbólica de Brasília: parque, céu e lago. Posto isso, os espaços foram divididos conforme correspondência, isto é, os lugares onde o contato com o verde é proeminente fazem parte do capítulo intitulado parque; já onde a vista do céu é privilegiada está na divisão de mesmo nome e por fim, os locais nos quais o acesso e desfrute do Lago Paranoá é facilitado formam o capítulo lago.

A partir de um estudo realizado na década de noventa, estabeleceu-se uma escala para avaliar a qualidade de um espaço para se sentar, os quais são: um microclima agradável; boa localização; boa visibilidade e um nível de ruído baixo, que permita conversas; sem poluição. E, é claro, a vista. Se o local oferece atrações especiais como água, árvores, flores, bom espaço, boa arquitetura e obras de arte, as pessoas querem conseguir apreciar isso. (GEHL, 2013, p.140)

Como uma forma de envolver ainda mais o leitor, foi elaborado um mapa preto e branco do Plano Piloto com os lugares relatados no livro sinalizados para que sejam coloridos conforme a pessoa os visita, como se ela estivesse dando vida à cidade com a sua presença. Algo lúdico que mais uma vez ressalta a importância de se ocupar os espaços públicos como forma de preservação e de fomento à experiências mais humanas.

Por fim, no livro de bolso se ressalta a ressignificação dos espaços. As árvores são plantadas para proporcionar mais sombra e torná-lo mais verde, mais agradável. Isso faz parte do plano deliberado para se criar um lugar. Ao ter somente algumas folhas, as árvores ainda não produzem um impacto estético considerável. Entretanto, já podem proporcionar um espaço para encontros humanos, ou seja, cada árvore nova é um lugar potencial para encontros, mas seu uso não pode ser previsto, pois depende da ocasião e da imaginação. (TUAN, 1983, p. 11)

3 Disponível online em: <http://issuu.com/jucrizo/docs/tcc-da-ju-v3-referencia/1>

6.3 Aplicativo móvel

Como a proposta é atuar diretamente na vivência dos moradores, vi a necessidade de transportar o conteúdo para um suporte que estivesse

completamente inserido no cotidiano das pessoas. Dessa forma, surgiu o projeto do aplicativo para dispositivos móveis.

Mais que uma simples versão online do livro de bolso, ele possui ferramentas para instigar ainda mais o usuário a viver a cidade. A partir de uma plataforma simples e intuitiva, funciona com um princípio randômico, e um próximo destino do usuário é definido. A partir de uma lista de lugares que podem ser vivenciados numa perspectiva mais humana e uma segunda lista de experiências possíveis de serem vividas nesses espaços, o aplicativo sugere onde ir e o que fazer a partir das n combinações possíveis. Há uma triagem prévia feita pelo usuário, para limitar o campo das combinações possíveis de forma a adequá-las melhor ao requerente. Isto é realizado por três grupos de informações que influenciam nas combinações, a saber: localização do usuário naquele momento e determinação do raio (em km) considerado, dia da semana e horário da consulta, preferências elencadas pelo usuário anteriormente.

O projeto gráfico do aplicativo seguiu a mesma identidade visual (cores, tipografia, imagens) estabelecida no livro de bolso, de forma a manter uma unidade dos produtos que compõe a série **Brasília experiência humanística**. Por se tratar de um projeto destinado a dispositivos móveis – variados tamanhos de tela e resoluções – e pelo seu uso ser para consultas rápidas, teve-se uma preocupação em utilizar ícones e cores que representem cada seção do aplicativo. O que tornar a navegação mais simplificada e auxilia o usuário a reter as informações. Para tanto também se eliminou toda tecla, sinalização e funcionalidade que não fossem imprescindíveis para o funcionamento base do aplicativo.

A ideia é que a partir de combinações inusitadas as pessoas possam viver a cidade de outras formas. Como uma espécie de provocação para que os moradores quebrem as suas rotinas e adicionem novas experiências, como para despertá-los da inércia contida no movimento de um dia-a-dia contínuo e ininterrupto.

7. Considerações finais

A série **Brasília experiência humanística: um relato de como viver a cidade** tem seu valor que ultrapassa os limites físicos determinados pelos suportes escolhidos, livro de bolso e aplicativo. Mais que uma espécie de guia com dicas de

como aproveitar a cidade em última instância atua no campo subjetivo da imagem representativa que as pessoas têm de Brasília. A ideia é fazer disso instrumentos capazes de despertar um orgulho dos moradores e dar-lhes poder para que atuem diretamente na cidade em prol de uma melhoria da vida urbana.

Segundo uma pesquisa feita com os jovens brasileiros, 70% deles estão dispostos a fazer algo para melhorar suas realidades. (BOX 1824, 2011). Atualmente diversos são os movimentos e iniciativas que estão surgindo para reviver o espírito de Brasília e cada vez mais estão ganhando espaço na cidade. Em suma, todos buscam o mesmo fim, retomar as rédeas da capital e colocá-la num caminho de melhorias nas formas de se viver derivadas das experimentações.

Inicialmente nós moldamos as cidades, depois elas nos moldam. Assim, quanto mais humano for o espaço urbano que produzimos, mais valorizada nossa dimensão humana estará. Uma cidade de pessoas para pessoas. (GEHL, 2013, p. XIII).

Espaciosidade, para Tuan (1983, p. 59), é um termo que está intimamente associado com a sensação de estar livre. Liberdade



Figura 6: Domingo na ponte.
Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

implica espaço, o que significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Assim, acredito que podemos dar vida nova à esses campos gramados, ocupando os espaços da cidade de forma a trazer mais vida e fortalecer a topofilia brasiliense. E que isso possa ultrapassar os limites dispostos no traçado do plano piloto e reverberar por toda a região do Distrito Federal. E nada melhor que isso seja fomentado também na Universidade já consagrada como um grande e abastecido campo de experimentações.

8. Referências

8.1 Bibliográficas

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARPINTERO, Antônio Carlos. Fundamentos do Plano Piloto: A Cidade-Jardim, Jornal do Crea – DF, Brasília, Crea – DF, nº 25, dez. 2002. [Mimeo: original fornecido pelo autor].

_____. O princípio da monumentalidade em Brasília. Jornal do Crea – DF, Brasília, Crea – DF, nº 28, abril 2003. [Mimeo: original fornecido pelo autor].

_____. Fundamentos do Plano Piloto: Movimento Moderno, Jornal do Crea – DF, Brasília, Crea – DF, nº 29, maio. 2003. [Mimeo: original fornecido pelo autor].

_____. Ampliação das áreas residenciais no plano piloto de Brasília, Jornal do Crea – DF, Brasília, Crea – DF, nº 35, nov. 2003. [Mimeo: original fornecido pelo autor].

COSTA, Aline. (Im)possíveis Brasília : os projetos apresentados no Concurso do Plano Piloto da Nova Capital Federal. 2002. Tese (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 2002.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOLSTON, James. A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana di Cesare Marques. Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012.

PAVIANI, Aldo. Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2010.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel Difusão, 1983.

VELHO, Gilberto. Utopia urbana: Um estudo de antropologia social(a). 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. Brasília 50 anos: arte e cultura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

8.2 Filmográficas

A vida na Asa Norte e Sul. Brasília 50 anos. Globo. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XX0HN1rdLRM>>

Brasília 73. Brasília: Assessoria de Comunicação Social Governo do Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rIPVdOtni6Q>>

Brasília pra mim. Brasília: TV Senado, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g0DI2eRwRxE>>

Brasília: projeto capital. Direção de Frederico Schmidt. Produção de Pedro Henrique Sassi e Pedro Caetano Braga Santos. TV Câmara. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IWqRGaPA7dU>>

Móveis em Casa – Móveis Coloniais de Acaju e a Cidade. Direção de José Eduardo Belmonte. Brasília: Pavirada Filmes; Móveis Coloniais de Acaju; Estúdios Dreher; Film Noise; Canal Brasil, 2014.

8.3 Online

ANTUNES, Luciene e VITAL, Nicholas. Nascem as cidades inteligentes. EXAME. São Paulo. 19 abril/2011. Tecnologia. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0988/noticias/aonde-o-futuro-ja-chegou?page=2>>. Acesso em 05 jun.2014.

ARRUDA, Patricia. Brasília: marcas identitárias sobre a cidade, marcas urbanas sobre a identidade. RITA, nº 1. 2008. Disponível em: <<http://www.revue-rita.com/content/view/24/52/>>. Acesso em 07 jun. 2014.

ATRATIVOS. Vem Viver Brasília. Disponível em: <<http://www.vemviverbrasil.df.gov.br/atrativos/>>. Acesso em: 12 maio 2014.

BRASÍLIA 50 anos. Veja especial. Abril/2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/brasil/index.html>>. Acesso em: 13 maio 2014.

BRASÍLIA em números. Copa 2014 DF. Disponível em: <<http://www.copa2014.df.gov.br/brasil-em-numeros/5255-brasil-em-numeros>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

CAMPOFIORITO, Ítalo. Brasília revisitada. Patrimônio. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=101>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

CAVALCANTI, Flávio R. Calçadas, ruas e avenidas de Brasília. Eixo Rodoviário. Disponível em: <<http://doc.brazilia.jor.br/Vias/Eixo-Rodoviario.shtml>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

CIDADES para pessoas. Natália Garcia e Juliana Russo. Apresenta textos sobre urbanismo e desenvolvimento de cidades. Disponível em: <<http://cidadesparapessoas.com/>>. Acesso em: 05 maio 2014.

DÔSSIE Regiões administrativas. SEDHAB. Disponível em: <<http://www.sedhab.df.gov.br/dossie-regioes-administrativas.html>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

EL – DAHDAH, Farès. Lucio Costa e a preservação de Brasília. Vitruvius. Brasília, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/09.107/1844>>. Acesso em: 03 jun. 2014

INTRODUCTION to Android. Developer Android. Disponível em: <<http://developer.android.com/guide/index.html>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

JUNIOR, Afonso. Dicas para criar o seu projeto mobile. Disponível em: <<http://www.mobits.com.br/2011/7/20/dicas-para-criar-o-seu-projeto-mobile>>. Acesso em: 05 jun. 2014

MEDEIROS, Marcelo. Rio usa aplicativos para interagir com a população. Disponível em: <<http://www.guiadascidadesdigitais.com.br/site/pagina/rio-usa-aplicativos-para-interagir-com-a-populao>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

MEMORIAL do plano piloto de Brasília. Guia Brasília. Disponível em: <<http://www.guiabrasilia.com.br/historico/memorial-d.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

NICOLAS BEHR. Disponível em: <<http://www.nicolasbehr.com.br/>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

OUR MOBILE PLANET. Google. Pesquisa sobre o uso de celulares em 48 países. Disponível em: <<http://think.withgoogle.com/mobileplanet/pt-br/>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

PESQUISA O Sonho Brasileiro. BOX 1824. 2011. Disponível em: <<http://pesquisa.osonhobrasileiro.com.br/indexi2.php?id=1101#>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

PEIXOTO, Fabricia. Para especialistas identidade do brasiliense ainda está em 'gestação'. ESTADÃO. 21 abril/2010. Política. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,para-especialistas-identidade-do-brasiliense-ainda-esta-em-gestacao,541155>>. Acesso em: 15 maio 2014.

PILATI, Alexandre in: MARCELO, Carlos. Onde está a identidade. Correio Braziliense. 10 abril/2010. Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/cpmod.php?id=61563>>. Acesso em: 15 maio 2014.

RUIC, Gabriela. 3 em cada 10 brasileiros são donos de smartphones. EXAME. São Paulo. 25 jun/2013. Tecnologia. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/3-em-cada-10-brasileiros-sao-donos-de-smartphones?page=1>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

9. Anexos

9.1 Informações dos lugares visitados

Cidade – Parque

- Jardim Botânico de Brasília

Localização: SMDB, Conj. 12. Acesso pela subida da QI 23 do Lago Sul.

Funcionamento: De Terça a Domingo - 9h às 17h para visitaç o e de 6h às 8h59 para pr tica de esportes.

Informa es importantes: Paga-se uma taxa de R\$ 2,00; Animais de estima o n o s o permitidos.

Contatos: (61) 3366 5597 / 3366 2141
www.jardimbotanico.df.gov.br/

- Parque Olhos d' gua

Localiza o:  rea especial - SQN 413/414

Funcionamento: Diariamente de 6h  s 19h

Informa es importantes: Bicicletas e patins n o s o permitidos.

Contato: (61) 3275 2712

- Parque da Cidade – Parque Dona Sarah Kubitscheck

Localiza o:  rea especial - Asa Sul. Acesso pelo Eixo Monumental

Funcionamento: Sempre aberto

Contato (61) 3226 7038

-  gua Mineral – Parque Nacional de Bras lia

Localiza o: Via EPIA – BR 450, na altura do Km 8,5 – SMU, Sa da Norte

Funcionamento: Diariamente, das 8h  s 16h. Segunda, ter a e quinta, as piscinas fecham para manuten o.

Informa es importantes: Paga-se uma taxa de R\$ 7,50.

Contato: (61) 3233 4553 / 3361 3205

- Parque das Gar as

Localiza o: SHIN QI 16, S/N, pr ximo ao Clube do Congresso.

Funcionamento: Diariamente de 6h  s 20h

- Bosque dos Constituintes

Localiza o: Ao lado da Pra a dos Tr s Poderes.

Funcionamento: Sempre aberto.

Cidade – C u

- Pra a dos cristais

Localização: SMU, em frente ao Quartel General do Exército.

Funcionamento: Sempre aberto

- Eixão do Lazer

Localização: Eixo rodoviário Norte - Sul

Funcionamento: Domingo de 6h às 18h

- Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB

Localização: SCES, Trecho 02, conjunto 22

Funcionamento De quarta a segunda, das 9h às 21h

Contato: (61) 3108 7600
culturabancodobrasil.com.br/portal/distrito-federal/

- Ermida Dom Bosco

Localização: QI 29 no Lago Sul

Funcionamento: Diariamente de 7h às 19h

Contato: (61) 3367 4965

Cidade – Lago

- Orla Ponte JK - Centro de Lazer Beira Lago

Localização: Orla da ponte JK

Funcionamento: Sempre aberto

- Pontão do Lago Sul

Localização: SHIS, QL 10, Lote 1/30 – Lago Sul

Funcionamento: Domingo e segunda, das 7h às 24h. Terça, quarta e quinta, das 7h às 1h. Sexta, sábado e vésperas de feriados, das 7h às 2h.

Contato: (61) 3364 0580

- Calçadão da Asa Norte

Localização: Encontro das vias L2 e L4, próximo à Ponte do Bragueto.

Funcionamento: Sempre aberto

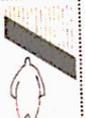
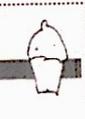
- Península dos Ministros

Localização: QL 12 Lago Sul – Final da rua sem saída.

Funcionamento: Diariamente – 6h às 18h

9.2 Quadro: princípios de um espaço para pessoas

Lista de palavras-chave: 12 critérios de qualidade com respeito à paisagem do pedestre

Proteção	<p>PROTEÇÃO CONTRA O TRÁFEGO E ACIDENTES – SENSÇÃO DE SEGURANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> Proteção aos pedestres Eliminar o medo do tráfego 	<p>PROTEÇÃO CONTRA O CRIME E A VIOLÊNCIA – SENSÇÃO DE SEGURANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> Ambiente público cheio de vida Olhos da rua Sobreposição de funções de dia e à noite Boa iluminação 	<p>PROTEÇÃO CONTRA EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DESCONFORTÁVEIS</p> <ul style="list-style-type: none"> Vento Chuva/ neve Frio/ calor Poluição Poeira, barulho, ofuscamento 
Conforto	<p>OPORTUNIDADES PARA CAMINHAR</p> <ul style="list-style-type: none"> Espaço para caminhar Ausência de obstáculos Boas superfícies Acessibilidade para todos Fachadas interessantes 	<p>OPORTUNIDADES PARA PERMANECER EM PÉ</p> <ul style="list-style-type: none"> Efeito de transição/zonas atraentes para permanecer em pé/ficar Apoios para pessoas em pé 	<p>OPORTUNIDADES PARA SENTAR-SE</p> <ul style="list-style-type: none"> Zonas para sentar-se Tirar proveito das vantagens: vista, sol, pessoas Bons lugares para sentar-se Bancos para descanso 
	<p>OPORTUNIDADES PARA VER</p> <ul style="list-style-type: none"> Distâncias razoáveis para observação Linhas de visão desobstruídas Vistas interessantes Iluminação (quando escuro) 	<p>OPORTUNIDADES PARA OUVIR E CONVERSAR</p> <ul style="list-style-type: none"> Baixos níveis de ruído Mobiliário urbano com disposição para paisagens/ para conversas 	<p>OPORTUNIDADES PARA BRINCAR E PRATICAR ATIVIDADE FÍSICA</p> <ul style="list-style-type: none"> Convites para criatividade, atividade física, ginástica e jogos Durante o dia e à noite No verão e no inverno 
Prazer	<p>ESCALA</p> <ul style="list-style-type: none"> Edifícios e espaços projetados de acordo com a escala humana 	<p>OPORTUNIDADES DE APROVEITAR OS ASPECTOS POSITIVOS DO CLIMA</p> <ul style="list-style-type: none"> Sol/sombra Calor/frescor Brisa 	<p>EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSITIVAS</p> <ul style="list-style-type: none"> Bom projeto e detalhamento Bons materiais Ótimas vistas Árvores, plantas, água 

Fonte: Gehl, Gemzøe, Kirknæs, Søndergaard, "New City Life" Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006. Further developed: Gehl Architects — Urban Quality Consultants, 2009.

9.3 Kit entregue aos professores



Figura 7 e 8: Caixa com os produtos entregues à banca avaliadora.
Brasília, 2014. Foto de Jucrizo

9.4 Questionário

9.5 Projeto do Aplicativo Móvel⁴

⁴ Disponível online em: http://issuu.com/jucrizo/docs/appmanual-v2-espelhadas_1_/1